

---

# ENTREVISTA: MUNIZ SODRÉ

Por Stela Guedes Caputo\*

## “UMA TV DE QUALIDADE SERIA PÚBLICA E OUSARIA CORRER O RISCO DA BAIXA AUDIÊNCIA”

Recentemente, a Rede Globo exibiu sua quarta versão do *Big Brother* e repetiu o mesmo sucesso de audiência. Programas como “Ratinho”, “Leão”, “Gugu”, “Casa dos Artistas”, “Caldeirão do Hulk” são outros sucessos da TV brasileira. Na opinião do pesquisador e professor da Escola de Comunicação da UFRJ, professor Muniz Sodré, o público constitui a televisão, assim, ele não é vítima, é cúmplice de sua programação. Autor de livros como o *Império do Grotesco* (publicado pela Mauad, em parceria com a também professora da ECO/UFRJ, Raquel Paiva), Muniz Sodré atualmente desenvolve pesquisa sobre a proximidade entre a vida urbana e a televisão, tema para um futuro livro. Membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Governo Lula, Sodré também afirma que o presidente da República faz uma exaltação ao “não estudo”.

**Teias** – Por que os programas de *reality shows* fazem tanto sucesso?

**Sodré** – Eu não tenho respostas definitivas para nada. Tenho especulações. A mídia funciona na base de erros e tentativas. Ninguém tem fórmula definitiva para nada. Nem as pesquisas. Quando se tem muito dinheiro, como no caso da Rede Globo, que está de pires na mão, mas sempre tem dinheiro, você experimenta uma forma que, se não der certo, você troca por outra. Não existe um “a priori” determinando que aquilo vai dar certo. A mesma coisa é a análise do que se passa na mídia. Diferentemente das análises sociológica ou psicológica, que se referem a uma realidade antiga, a uma representação social antiga, nós podemos especular. Eu acho que os *reality shows*, os programas como *Big Brother*, têm a ver com as expectativas de democratização que a televisão traz.

**Teias** – O que o *Big Brother* democratiza?

**Sodré** – A televisão é uma realidade vicária, uma realidade substitutiva, uma realidade paralela ao tipo de realidade que vivemos a partir das instituições, como a família, por exemplo. Ela cria uma realidade paralela e essa realidade é atraente em si mesma porque, qual é a grande regra social da televisão? Qual é a regra social da imagem? A imagem desborda a televisão. O canal televisivo não contém a imagem. A imagem é sempre maior. Toda a história da imagem no Ocidente é essa, a imagem é sempre maior do que o quadro onde ela está. Ela cria relações e imagens fora dali. Uma imagem religiosa não está contida só ali na encarnação da imagem, está na história da pessoa que vê a imagem, no quanto a pessoa é religiosa ou não, o quanto a imagem pode ser mitificada. A imagem, exatamente porque não fixa e porque não diz as coisas de modo único, abre para o imaginário, para a imaginação. Então ela desborda o signo, ela desborda o canal onde ela está. Com as imagens televisivas isso é muito forte. Ela cria uma realidade própria e tem que fixar o espectador dentro desse mundo imaginário que ela cria.

**Teias** – Então é porque o público tem a expectativa de se ver no espelho?

---

\*Professora da UERJ (Bolsista PRODOC/CAPES).

---

**Sodré** – Essa é a expectativa de democratização. Porque esse mundo imaginário é tão forte que você praticamente só existe socialmente hoje se estiver nesse espelho da televisão, nesse espelho de reconhecimento social. Um certo reconhecimento social passa por ser reproduzido, você só existe socialmente quando você é imagem. Quando você adquire uma notoriedade qualquer que hoje passa pela mídia, pela televisão. Ora, mas quem é que aparece na mídia? São pessoas conhecidas, famosas, apresentadores, jornalistas, artistas, entrevistados. Esses programas são a democracia radical porque prometem que um sujeito comum pode virar celebridade sem ter talento nenhum, especialidade nenhuma.

**Teias** – Por que o senhor chama isso de democracia radical?

**Sodré** – Acho que acontece uma democracia paródica. É porque você está tomando a democracia como uma palavra muito grande, muito alta. Estou tomando a democracia no pior sentido que democracia tem. Democracia é, no limite, o reconhecimento de qualquer pessoa do espaço social em nível de igualdade. Acontece que fama, reconhecimento, celebridade, sempre foram associados ao acúmulo de qualidades e virtudes que um sujeito tinha. Fama e celebridade são brilho sim, mas não são o puro brilho da presença. Elas são o brilho de uma presença virtuosa. Então, se as ações, os feitos dão celebridade, isso é justo. Porque até hoje Platão é famoso? É justo. Sua obra continua sendo discutida até hoje. Um escritor é famoso? Um cantor? É justo se sua obra ou ações e virtudes fazem com que nos lembremos dele. A fama, quando não é puro brilho cegante, é justa. É até socialmente necessário que se reconheçam os feitos de alguém que contribui para a vida social. Mas a fama do puro brilho você pode prometer a todo mundo democraticamente. A expectativa de quem vive nessa sociabilidade construída por celebridade e por fama é de ser famosos por algum tempo. São os 15 minutos de fama.

**Teias** – É a “síndrome da Darlene”, personagem de *Celebridades*, atual novela que a Globo exibe às 20h? Ou seja, tem gente que faz qualquer coisa por esses 15 minutos?

**Sodré** – Se for aquela personagem lourinha da novela, é. É por isso que existem empresas americanas hoje que montam uma espécie de parque temático e você paga cerca de 75 dólares para ser famoso por duas horas. Nesse tempo, você é entrevistado, as pessoas te pedem autógrafa na rua, as moças bonitas te assediam, tudo montado para que você tenha a sensação da fama.

**Teias** – Que tipo de sociedade é essa em que essas coisas são importantes?

**Sodré** – É uma sociedade que transformou a democracia política em uma democracia social, que é outra coisa. A democracia social é a do cotidiano onde a igualização é a grande meta. O *Big Brother* é a oportunidade que se dá ao sujeito de ser célebre e famoso sem que esse sujeito tenha nenhuma qualidade especial. Quanto mais medíocre, anódino, insignificante e secundário, mais atraente para o programa.

**Teias** – Eu entendo democracia social como democratizar o acesso à educação, à saúde, à moradia, à cultura, à alimentação, ao saneamento, enfim. Não é isso?

**Sodré** – É, mas esses programas contribuem para que a lógica seja não ter valor nenhum e que a única coisa importante seja democratizar a fama, a celebridade. Participam desses programas

---

peças comuns, algumas mais comuns que as comuns, e chegam a ser bastante medíocres e grosseiras. Então, se monta uma espécie de novela do cotidiano como se fosse um teatro da insignificância. Digo da insignificância porque todos nós cometemos, já que escovar os dentes, comer e dormir são coisas que fazemos todos os dias. Cada ato desses tem significado para cada um de nós porque fazemos isso para viver. Todo mundo cumpre suas regras de higiene, namora, se reproduz, mas isso é insignificante, não é nada extraordinário para ser espetáculo, quer dizer, não seria em princípio. Esses programas emprestam a isso um sentido que não teriam no teatro nem no cinema, nem na própria televisão. O segredo do *Big Brother* atrai tanto porque ele promete ao homem sem qualidades. Promete uma fama pré-fabricada.

**Teias** – Em seu livro *O império do grotesco*, o senhor repete Lacan, para quem, depois de algum tempo, não existe mais diferença entre televisão e público. Por quê?

**Sodré** – Essa frase é muito interessante porque nós supomos sempre uma separação entre televisão, entre a mídia e o público. Quando pensamos essa separação, concebemos o público como uma vítima. Quando a televisão passa pornografia, por exemplo, as instituições morais pressionam para proteger as crianças e a pedir conteúdos melhores. Lacan percebe muito justamente que não é bem assim. Na verdade, há uma espécie de pacto de cumplicidade entre a mídia e seu público. É o que os semiólogos chamam de “contrato de leitura”. Quando você vê um filme do James Bond, por exemplo, você só pode desfrutar essa história se você suspender sua descrença com relação a determinados fatos inverossímeis. Ele foge deslizando no gelo, trezentas pessoas atiram nele e nenhuma bala acerta. Ele leva não sei quantas pancadas na cabeça, desmaia, mas não tem traumatismo craniano, e ainda sai todo arrumadinho, inclusive o cabelo. As mulheres mais bonitas do mundo querem ficar com ele. Evidente que o espetáculo só é interessante se você suspender sua crítica, aí você pode gozar com o espetáculo. Isso é o “contrato de leitura”. É assim que lemos literatura, vemos novela, e filmes, por exemplo. Também há esse pacto entre a televisão e seu público. O pacto é o seguinte: eu vou ser grosseiro, vou ser banal, mas você vai se divertir. O público é o operário que chegou cansado do trabalho, que ganha mal e vai tolerar as pegadinhas da diversão barata. A TV incorpora o público e essa incorporação é reconfirmada pelas pesquisas. O público constitui a televisão, então, ele não é vítima, é cúmplice.

**Teias** – Ao mesmo tempo, o senhor diz que a TV não é espelho da realidade, exceto de si mesma.

**Sodré** – Exatamente. Isso significa que esse público que ela incorpora, quando ela traça as características desse público para agradá-lo, ela faz isso de acordo com suas próprias regras, daquilo que a sustenta, que é o mercado. O que efetivamente ela espelha são as regras do mercado. Ela espelha o outro, como num espelho deformante, a partir do mercado. Então o mercado é ela mesma. A televisão é a boca do mercado, ela é fala do mercado, a fala da moeda. Quando ela olha para o público ela olha a partir do mercado. Ela espelha a si mesma e reproduz a si mesma. Então, ela vê no outro a própria televisão.

**Teias** – Ao destinar papéis de empregados, bandidos, vilões para os atores negros, a televisão se defende e se justifica dizendo que apenas reproduz a realidade. O que o senhor acha disso?

---

**Sodré** – O espelho da televisão, do cinema, da ficção nunca se propõe a refletir o real tal e qual ele é. O espelho é sempre uma deformação, inversão. O espelho da ficção é mais deformante ainda porque nele entra o imaginário. Quando uma novela constrói uma personagem perfeita, boazinha contra a vilã completamente malvada, a gente sabe que ninguém é completamente uma coisa nem outra, mas o público quer que as caracterizações sejam bem marcadas para que ele se identifique facilmente com a boazinha e rejeite a malvada. Essa construção é deformante porque ninguém é assim, ou sortudo demais como James Bond. O imaginário deforma para que desfrutemos a narrativa. Ora, então por que, se já sabemos que a ficção é deformante, por que a novela, que é ficção, no caso dos negros, precisa ser “realista”? Quando não põe um negro no papel de banqueiro, ou de presidente da República, ou seja lá que protagonista for, a TV justifica suas novelas dizendo que no Brasil, não existem negros na Presidência ou banqueiros. Mas quem é que está querendo espelho da verdade na ficção. A TV não é realista em nada, mas precisa ser nesse caso? Por outro lado, sabemos que existem empresários negros, governadores negros, cientistas negros. Não são maioria, mas existem. Por que não tomar a minoria como paradigma? Novela é ilusão. A palavra ilusão significa “colocar em jogo”, “jogar”.

**Teias** – A televisão então reproduz os estereótipos?

**Sodré** – A TV funciona conservando estereótipos. No caso dos negros, porque pinta a maioria e não mostra as possibilidades que uma minoria obtém, então ela representa o sujeito negro sempre em posição desvantajosa. Numa sociedade onde só se vive no espelho, onde as aparências são essenciais, você pintar o outro sempre em posição desvantajosa significa que, no plano das relações sociais, ele vai ser tido como uma pessoa sempre carente e de qualidade inferior. É preciso revisitar a idéia de ficção. Por que ele não pode namorar a protagonista?

**Teias** – Namorar a Maria Clara, da mesma *Celebridades*, por exemplo?

**Sodré** – A Maria Clara é a Malu Mader? Pois é, quando nós sabemos que, na vida real, há casamentos inter-raciais. Só agora, na verdade, os negros começam a aparecer em posições um pouquinho melhores, mas isso ainda causa protesto do próprio público que manda cartas criticando. Os negros na TV ainda chocam.

**Teias** – Especificando um pouco mais sobre seu livro, o que é o “grotesco”?

**Sodré** – O grotesco é uma categoria estética. É a estética da violência dos contrários. Os contrários sempre estão presentes em qualquer elaboração artística, mas se harmonizam e se fundem para produzir outra coisa. O grotesco é uma estética onde os contrários produzem efeitos de exasperação, efeitos de violência, efeitos às vezes críticos. Diferentemente do concerto musical, o grotesco é o desconcerto, mas é um desconcerto que pode nos fazer pensar sobre as entranhas do mundo, sobre as diferenças das coisas, sobre o estranhamento das formas. Há vários tipos de grotesco, mas, de uma maneira geral, o grotesco é essa disparidade das formas, o desconcerto que essas formas diferentes, quando estão juntas, nos provocam.

**Teias** – No livro, o senhor assegura que, na literatura e no cinema, o grotesco já produziu obras-primas. Poderia dar um exemplo?

---

**Sodré** – Chaplin. Todo palhaço é grotesco. Olha a dissimetria que existe no palhaço. Os pés enormes, o nariz é uma bola. Ele pode ser magro, mas a barriga é gigantesca. Nenhum homem veste aquelas calças e ele ainda faz coisas como escorregar, cair e todo mundo ri. Por que você ri? Por causa da disparidade e da incongruência que existem no *clown*, ou seja, no palhaço, uma figura da *Commedia dell'arte*. Carlitos foi um palhaço que, como objeto de arte, atingiu um *status* que nos leva à reflexão. Ele nos mostra o tempo inteiro que não tem consciência plena das situações e com isso provoca efeitos poéticos, efeitos de estranhamento com relação ao poder. Ele está o tempo inteiro nos fazendo pensar sobre as relações do sujeito comum com o poder, como em “Tempos Modernos”. É por isso que o Barthes afirmava que os soviéticos jamais poderiam ter um Chaplin, ou o Carlitos.

**Teias** – E por quê?

**Sodré** – Porque eles já tinham a verdade sobre a classe operária. Então, o operário soviético jamais poderia ser tão atrapalhado, tão ingênuo, tão comum. Na verdade, o efeito poético do Carlitos acontece quando o público pode ver o quanto ele é ingênuo e, ao mesmo tempo, tão cheio de boa vontade. E quando vê a diferença entre a ingenuidade dele e a maldade dos outros. Como no mecanismo do “guinhol”, um tipo de teatro de bonecos em que você vê o mocinho e a mocinha namorando, enlevados e aí surge o vilão por trás deles e quer raptar a mocinha. O herói não vê, mas as crianças vêem e ficam nervosas, elas avisam o mocinho “Olha aí! Cuidado!” A graça é o herói não ver. O vilão então seqüestra a mocinha. As crianças se desesperam e gritam. Por que o público fica tão nervoso vendo uma cena como essa? Porque a gente está vendo o mocinho não ver alguma coisa. Quando a gente vê alguém não ver, a gente vê duplamente conforme Barthes explicou. Carlitos é o palhaço que nos leva a ver duplamente.

**Teias** – Na famosa cena da bandeira, em *Tempos Modernos*, isso também acontece.

**Sodré** – É quando ele está na rua, acabando de sair da cadeia e uma bandeira cai na manifestação. Ele pega a bandeira apenas para devolver e a gente já sabe que vai ter confusão. Quando ele vira, a polícia o vê e sai correndo atrás dele e bate nele. Ele está sempre entrando em fria porque ele não vê as coisas que nós estamos vendo. Portanto, é um palhaço crítico porque é nessa visão dupla que a crítica do mundo acontece. Essa crítica é lírica e é poética.

**Teias** – Mas também pode acontecer de forma grosseira?

**Sodré** – Acontece porque o grotesco pode ser muito grosseiro. O grotesco tem a ver com as partes baixas do corpo. O grotesco tem a ver com o sexo desabrido, com a comida em excesso, com excrementos e por aí, com esses materiais que não são os materiais da cintura para cima você pode obter uma crítica social forte, profunda.

**Teias** – Como na literatura, por exemplo?

**Sodré** – Lima Barreto, em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, é grotesco, porque o grotesco aproxima o homem do animal. Nesse romance, Lima Barreto, o tempo inteiro, pinta as pessoas como bichos para criticar determinados tipos de comportamentos. Da mesma forma, em Machado de Assis existem várias descrições de ordem grotesca.

---

**Teias** – Mas, na televisão, o grotesco não funciona assim. Como a televisão trata o grotesco?

**Sodré** – É diferente porque o grotesco em Chaplin, por exemplo, é um grotesco lírico e crítico, ele não está ali para nos chocar. Ele não é deliberadamente grotesco. O grotesco na televisão está ali a serviço do comércio para sensibilizar um público amplo e heterogêneo com o escandaloso do cotidiano. O *Chacrinha* já fazia isso com concursos para ver a mulher que tinha o nariz mais feio, o câncer mais terrível ou quem comia uma barata. É o que eu chamo de grotesco chocante.

**Teias** – Essa é a lógica de programas como *Ratinho*?

**Sodré** – É. São coisas fáceis de ver, você se diverte com a miséria do outro e esquece a sua.

**Teias** – Chega a ser um tipo de consolo?

**Sodré** – Sim, você vê o outro em uma situação miserável, mas distante e ri do outro. Como quando alguém ri do outro que cai na rua.

**Teias** – *Jackass* é um programa americano de uma grosseria extrema. Ele já chegou ao ponto de mergulhar em uma piscina com fezes de elefante. Esse tipo de programa vem fazendo cada vez mais sucesso entre o público adolescente tanto lá como aqui. Por que os adolescentes gostam tanto disso?

**Sodré** – Existe o risco, a coragem de fazer o que não se faz, de ultrapassar todos os limites. O adolescente quer afrontar o pai e a mãe e, nesse programa, o *Jackass* ultrapassa os limites, inflige as leis, mas tudo volta a ser como era antes, o limite não é mortal. E, além disso, não é ficção, é real. Talvez seja isso.

**Teias** – Gostaria que o senhor destacasse alguma imagem/cena grotesca na história da política brasileira.

**Sodré** – O grotesco acontece na vida e não apenas nas representações escrita, teatral, televisual. A famosa foto do Jânio Quadros é grotesca. Jânio bebia muito e, nessa foto, vemos um pé para um lado, a cara para trás. A foto é grotesca. O Lula hoje, por exemplo, está o tempo inteiro fazendo palhaçada querendo ser popular e fica sempre a meio caminho entre o ridículo e o sério. É grotesco.

**Teias** – No livro, o senhor explica que a televisão já passou pelo domínio da TV massiva, relacionada ao modelo fordista de produção, depois as TVs pagas ou segmentadas, no modelo mais flexível de sistema, e agora a anunciada televisão interativa. Qual o destino do público em cada um desses modelos de televisão e qual o destino do público na TV interativa?

**Sodré** – A televisão vai preparando seu público. No primeiro modelo, o fordista, a televisão conquistou o público que antes não tinha. O público era de rádio, revista, jornal, teatro, cinema. A televisão foi capturando gente de classes sociais diferentes e constituiu maciçamente seu público. Uma vez constituído esse público, ela vai distribuir produtos novos. Ainda que os modelos de televisão se modifiquem, as formas mudem, inclusive agora com essa coisa nova de televisão interativa, tudo continua a ser televisão. A televisão interativa é mais um produto.

---

**Teias** – E as TVs educativas?

**Sodré** – A televisão dita educativa é um fracasso. Os governos nunca se preocuparam em construir uma rede pública sólida de televisão. A TVE, aqui no Rio, é sempre muito precária, mas tem um público, eu já dirigi a TVE e sei disso. O problema é que os governos não entendem a questão da televisão. Esses dias mesmo eu recebi um convite da Câmara de Deputados para falar em congressos sobre mídia e eu não vou porque não acredito que os políticos escutem. A maioria desses parlamentares está interessada apenas em possuir rádios, canais de TV para exercer poder político nos estados. Não acredito que os políticos tenham condição de entender a relação da questão cultural e educacional com a televisão. Não por incapacidade intelectual porque existem políticos capazes. Mas é porque seus interesses são outros, isso não é uma questão essencial para eles.

**Teias** – E quanto à programação dos canais comuns? Não é possível que exista nenhuma brecha para uma programação educativa?

**Sodré** – É apenas uma atitude piedosa. Nós supomos que isso pode interromper a baixaria e supomos que entre uma baixaria e outra podemos colocar um programa educativo. Ninguém vê e não funciona, porque o que predomina é a forma geral da televisão. Bons programas acabam sendo aberrações.

**Teias** – É por isso que a adaptação da Globo do romance *Os Maias*, de Eça de Queiroz, foi um investimento pesado, uma excelente série e um fracasso de audiência?

**Sodré** – Era bem feito demais, era cuidado demais, era culturalizado demais, supunha talvez a leitura do livro para que o público apreciasse e não funcionou. O público não está preocupado com a sutileza, com os diálogos, com a reconstituição de um romance como esse. Foi um simulacro de cultura usando Eça de Queiroz bem feito, mas que não interessa ao público.

**Teias** – Então, aqui o senhor está concordando com os responsáveis pelas programações quando alegam que o conteúdo da TV é ruim porque o público quer esse conteúdo?

**Sodré** – O problema é que foram eles que formaram esse público e a expectativa desse público. Não podem fingir que não sabem disso, se eximir disso e fingir que querem outra coisa.

**Teias** – Por que a TV ainda se impõe como entretenimento hegemônico?

**Sodré** – Em primeiro lugar porque o custo para o espectador é invisível, não é como ir ao teatro ou o cinema, que você precisa desembolsar o dinheiro na hora. Sair hoje está cada vez mais caro, você paga a entrada, o carro, o estacionamento, o flanelinha, o lanche, sem contar a falta de segurança nas ruas. Em casa, você liga a televisão e vê um filme, se diverte. As pessoas cada vez saem menos. A televisão é um entretenimento barato. Ao mesmo tempo, a TV é uma nova paisagem. Alguém que mora em edifício e só vê uma selva de pedras, liga a televisão e “viaja” para vários lugares, também vê a atriz e o ator bonitos, tem a aventura, o suspense, tudo isso em extrema comodidade, só “zapeando”, ou seja, trocando os canais do controle remoto com extrema comodidade. A regra dos relacionamentos sociais é a comodidade. As pessoas escolhem o mais cômodo.

**Teias** – E dentro dessa hegemonia da TV, o grotesco é o predominante na programação?

---

**Sodré** – É cada vez mais predominante porque ele já chegou à TV paga. Quando a TV precisa de público, ela apela para o rebaixamento de padrão, para o grotesco. Você rebaixa o padrão para comunicar.

**Teias** – Na TV por assinatura, existem alguns canais em que programas chamados *trash* são cultuados. *Hermes e Renato*, por exemplo, e outras programações também da MTV. Qual a diferença entre o *trash* e o grotesco?

**Sodré** – O *trash* e o grotesco são a mesma coisa. Só que o *trash* é um exagero que tem uma certa ironia, um certo sarcasmo que abre a possibilidade para um grotesco crítico. Mas o grotesco está no *trash*.

**Teias** – O que seria uma TV de qualidade?

**Sodré** – Seria uma TV que não existiria em função da quantidade. Uma TV de qualidade não seria comandada pela ditadura do IBOPE, das sondagens do suposto olhar do público. Uma TV de qualidade seria pública e ousaria correr o risco da baixa audiência. Exibiria diferenciadamente programas que mexessem com o pluralismo cultural.

**Teias** – Que ousasse então a ter um outro tipo de espectador?

**Sodré** – É, um outro tipo de espectador. E essa possibilidade só existe se a TV for pública porque para as TVs comerciais só interessam dinheiro e audiência.

**Teias** – O sistema Globo é dono de TV aberta, rádios, jornais, revistas, ou seja, um grande oligopólio do setor. Isso não contraria a Constituição?

**Sodré** – Contraria, mas a Constituição brasileira foi feita para ser contrariada. Os oligopólios brasileiros da mídia não respeitam leis e não acontece nada porque estão associados ao poder.

**Teias** – Existem movimentos pela democratização dos meios de comunicação. Qual o papel de movimentos como esse?

**Sodré** – Eu diria que os resultados desses movimentos ainda não têm escuta, mas já é um bom começo.

**Teias** – Como as rádios e TVs comunitárias podem não só furar essa hegemonia dos grandes meios de comunicação, mas também fundar um outro tipo de programação com qualidade?

**Sodré** – Essas atividades comunitárias precisam se impor e não estar a serviço do mercado. Elas podem ter relações comerciais com o mercado, mas o que interessa aos veículos comunitários é sua relação com a comunidade. Esses veículos possuem uma causa que transcende o próprio veículo em si que é a integração da comunidade, daquele grupo. Isso não pode ser comercial e aí o processo passa a ser mais importante que o veículo, que o meio, que o código. Se for assim, o meio, o veículo, não domina o processo social.



---

**Teias** – Toda semana, a Polícia Federal fecha rádios pelo país e prende jornalistas. É possível que o atual governo faça alguma coisa por uma TV de qualidade e também para regulamentar as rádios comunitárias?

**Sodré** – Quanto a uma TV de qualidade não, não há a menor possibilidade. O governo não está conseguindo fazer coisas imediatas no plano econômico e político, que dirá para questões como essas. Para regulamentação das rádios, há uma lei em andamento, mas o poder dos proprietários de TV e de rádios é enorme e a associação desses proprietários dentro do governo também é enorme. Isso dependeria muito da pressão da sociedade, que também não está preocupada com isso. O governo está muito atrapalhado. O governo não vai fazer nada nem nessas questões mais imediatas nem na educação, que passa pela programação das TVs. Basta observar as frases do Lula. Ele diz coisas do tipo “O pessoal que estudou não se conforma e se pergunta todo dia, como é que eles que estudaram podem estar errados e eu, apenas um torneiro mecânico posso estar certo”?

**Teias** – O senhor vê nisso uma certa exaltação ao “não estudo”? Um certo desprezo para com a educação?

**Sodré** – Parece um ressentimento contra o estudo. Evidentemente que ter mestrado ou doutorado não garante bons governos, basta lembrar do Fernando Henrique. Mas não é também o fato de não ter estudo e de ser um torneiro mecânico que garante ao Lula ser um bom presidente. Eu conheci autodidatas maravilhosos, fantásticos e todo mundo é um pouco autodidata. Conheci excelentes jornalistas, tradutores excepcionais que jamais passaram pela universidade e são melhores do que muitos que passaram. Mas não conheço nenhum que, em algum momento, não tenha demonstrado ressentimento por não ter diploma universitário. Parece que a questão do papel dá legitimação e fala mais forte do que o próprio conteúdo do saber. Então o Lula não ajuda em nada quando esculhamba quem estudou. E olha que o PT foi formado não só por operários, mas da mesma forma, por intelectuais. Quem sustenta o PT? A classe média, professores, intelectuais. Por que então esse tom de exaltação ao não estudo? A quem isso ajuda?